

INCLUSÃO DIGITAL, INCLUSÃO SOCIAL?

A recepção das propostas de inclusão digital
pelos jovens de escolas públicas do Recife.

Salett Tauk*
Luciene Martins
Edilene Pinto
Sônia Quintela**

RESUMO:

No cenário da panacéia contemporânea da inclusão digital via Castells (1996), Hall (1999), Werthein (2003) entre outros, este texto relata parte dos resultados de um estudo de recepção da proposta de inclusão digital da organização governamental Centro de Educação Profissional Jornalista Cristiano Donato, pelos alunos de escolas públicas de contextos populares do Recife. O objetivo é analisar as apropriações que esses jovens fazem da proposta de inclusão digital para inclusão social, considerando que a comunicação, entre o Cristiano Donato e a população envolvida no Programa, se estabelece num cenário intercultural, sujeito às mediações (Orozco, 1997) da Cultura dos jovens, enquanto cultura popular (Canclini, 1995) e a situação de contingência material (Tauk Santos, 2005) em que vivem.

Palavras-chave: estudos de recepção, inclusão digital, inclusão social, cultura popular.

Esse texto objetiva analisar os usos e apropriações que os jovens de contexto popular fazem da proposta governamental de inclusão digital realizada pela Prefeitura da Cidade do Recife, assim como a contribuição dessa iniciativa para a inclusão social dos jovens envolvidos. Especificamente o que se quer compreender é como os jovens que vivem em situação de contingência, em meio desfavorecido usam e se apropriam das propostas de inclusão digital de uma organização governamental, o Centro de Educação Profissional Jornalista Cristiano Donato - CCD, em Recife.

A expressão inclusão digital vem do termo "digital divide", em inglês é algo como "divisória digital". Também pode significar democratização da informação e universalização da tecnologia. Existe uma crença generalizada na sociedade contemporânea de que inclusão digital significa melhorar as condições de vida com ajuda da tecnologia; atingir melhorias sociais a partir do uso do computador, o que possibilita a conexão dos indivíduos em rede. A inclusão digital se tornou requisito para a luta contra a exclusão social, fenômeno como explica Lesbaupin (2000), típico da atual fase do capitalismo, presente nos países desenvolvidos e nos emergentes, tanto no primeiro como no terceiro mundo, embora mais agravado neste último.

A Organização das Nações Unidas (2003) afirma que a Inclusão Digital (I.D.) é um meio para promover a melhoria da qualidade de vida, garantir maior liberdade social, gerar conhecimento e troca de informações. Considera tanto, que a instituição estabeleceu a exclusão digital como uma das quatro grandes mazelas da atualidade, com a fome, o desemprego e o analfabetismo.

Para diversas instituições internacionais, como a Unesco, hoje o conceito de analfabetismo abrange mais que o simples não saber ler e escrever. Para elas, quem não domina a informática é um excluído digital. E duplamente, porque também está excluído da evolução tecnológica que dá o acesso à informação. Usam a expressão analfabetismo digital para pessoas não inseridas nesse “mundo digital” e o apontam como grande fator de exclusão social. Observam que digitar textos (Word), usar correio eletrônico (e-mails) e navegar na Internet, obtendo informações é primordial para que alguém esteja inserido na sociedade. Acrescentam, ainda, que o analfabetismo digital afeta o aprendizado, a conectividade e a disseminação de informações.

Para Manuel Castells (1999), a sociedade passa por uma revolução informacional como as grandes mudanças históricas da sociedade. Em “A Era da Informação”, o autor destaca a importância de uma inclusão digital que envolve questões econômicas, culturais e informacionais.

“A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes. (Castell, 1999; 17)

Castell coloca, então, a questão da identidade, ou das identidades, como um núcleo resistente à homogeneização e que pode ser semente de mudanças socioculturais. Para ele, existem tipos diferentes de manifestações identitárias, marcadas pela história de cada grupo e pelas instituições existentes, pelos aparatos de poder e pelas crenças religiosas. Algumas se traduzem em resistência à mudança e outras, em projetos de futuro. Ele nos apresenta três manifestações de identidade: **a) Identidade legitimadora**, cuja origem está ligada às instituições dominantes; **b) Identidade de resistência**, gerada por atores sociais que estão em posições desvalorizadas ou discriminadas. São trincheiras de resistência e **c) Identidade de projeto**, produzida por atores sociais que partem dos materiais culturais a que têm acesso, para redefinir sua posição na sociedade.

Stuart Hall (1999) também destaca que a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social.

“As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 1999; 07)

Ressalta ainda Hall, que um tipo diferente de mudança estrutural estava transformando as sociedades modernas no final do século XX:

“Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de *deslocamento ou descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo*” (Hall, 1999; 09)

E, como constatado pela Fundação Getúlio Vargas – FGV (2003), para estar inserido no mercado de trabalho é necessário o conhecimento da informática.

O agravamento da desigualdade tecnológica na era da informação, segundo Sérgio da Silveira (2001), ocorre por fatores históricos, econômicos e políticos, mas é sustentado pela exclusão do conjunto da população ao acesso às tecnologias e ao próprio desenvolvimento. De acordo com Oliveira, quanto maior o número de iniciados e de alfabetizados tecnologicamente, maior será a sinergia indispensável à criatividade e à produção de tecnologia, fundamental para a inserção autônoma do país no mundo globalizado. Além disso, ele destaca que para combater as velhas mazelas sociais precisamos assentar nossa sociedade nas novas tecnologias.

Em pesquisa divulgada pelo IBOPE NetRatings, em dezembro de 2004, o Brasil tinha 10,9 milhões de internautas residenciais. No entanto, apesar desse número de usuários domésticos, esse quantitativo no Brasil, ainda é insignificante, como ressalta Bruno Pires, em seu artigo no site Interlegal (2005). Para ele o uso da Internet no Brasil ainda não se democratizou, nem se tornou popular visto grande parte da população brasileira estar excluída do uso da tecnologia da informação. A afirmação é validada com dados do IBOPE/IBGE (IBGE, 2005), que, numa população estimada em 184.190.629 habitantes, apontam menos de 10% da população brasileira com acesso à Internet.

No Nordeste brasileiro, Pernambuco lidera o ranking de pessoas com acesso a computador em casa e na escola com um índice de apenas 5,41% da população, segundo a Fundação Getúlio Vargas. De acordo com a instituição, no nordeste, as capitais apresentam o maior índice de inclusão digital, o Recife está em primeiro lugar, apesar de só ter 15,6% de *plugadores*. Mesmo assim, segundo a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – ABT, apenas cerca de 400 das 1.100 escolas estaduais têm laboratórios de informática em funcionamento.

O Departamento de Tecnologia na Educação da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife afirma que o município conta com 70 escolas com laboratórios de informática e 144 escolas com kits tecnológicos.

Em seu projeto de inclusão digital a Prefeitura adota o uso do software livre, na rede oficial de ensino do sistema convencional de educação e em centros educacionais como estratégia de democratização da informática a partir do 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental, como mais uma ferramenta para a alfabetização convencional. Além disso, a Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife, por meio do Departamento de Tecnologia na Educação – DTE, realiza o Programa Municipal de Tecnologia na Educação – PMTD. O Programa trabalha, com jovens de contexto popular, a proposta de inclusão digital das classes populares como meio para a inclusão social em 148 unidades educacionais, em seis (06) escolas itinerantes de informática – recife.com.jovem (unidades móveis) e nas oito (08) Unidades de tecnologia na Educação e Cidadania – UTEC distribuídas em Centros Educacionais, a exemplo do Centro Educacional Profissional Jornalista Cristiano Donato- CEPJCD.

Essas unidades estão distribuídas em Centros Educacionais que oferecem curso de informática básica (editores de texto e imagens, Planilhas eletrônicas e Telemática -

Internet). O conjunto composto de 08 Unidades de Tecnologia na Educação e Cidadania – UTEC é base e sustentação de todo o Programa. Essas unidades contam com salas climatizadas, computadores individuais, conectados à Internet. Elas apóiam o Departamento de Tecnologia na Educação, da Prefeitura do Recife, no atendimento ao público e na implementação de ações voltadas para a formação dos recursos humanos e elaboração de projetos conceituais que vão subsidiar as ações educacionais voltadas para a comunidade.

Fazem parte do Programa as Escolas Itinerantes de Informática. São seis ônibus equipados com treze computadores cada, impressoras jato de tinta e matricial, scanner, conexão à Internet, ambiente climatizado e elevador para deficientes. O atendimento é de 24 alunos por turma, em cursos de 40 horas, 12 turmas por bimestre, totalizando mais de 1.000 alunos por ônibus ao ano. Os cursos oferecidos são os mesmos de todas as UTECs: editores de texto e imagens, planilhas eletrônicas e telemática (Internet).

Apesar do esforço desenvolvido por organizações governamentais e não-governamentais através de programas para inclusão digital dos contextos populares, não existem ainda estudos avaliatórios suficientes que demonstrem como as populações desses contextos se apropriam desses programas, considerando as condições materiais contingentes em que vivem estas populações. É neste sentido que se insere a pesquisa de recepção das propostas do Centro Educacional Profissional Jornalista Cristiano Donato-CEPJCD, da Prefeitura do Município do Recife, administrada pelo Partido dos Trabalhadores.

A proposta de inclusão digital no trabalho do CEPJCD inclui-se no esforço de organizações governamentais no sentido de enfrentar o problema da exclusão social pela via da inclusão digital. A comunicação que se estabelece entre o Centro, em sua proposta de oferecer inclusão social via inclusão digital aos jovens das escolas públicas, e esses jovens, que buscam através da inclusão digital serem incluídos socialmente, constitui o objeto de estudo. A pergunta que norteou a pesquisa foi quais os usos que esses jovens de contexto popular do Recife fazem das propostas do programa municipal de inclusão digital do Centro Educacional Jornalista Cristiano Donato?

A escolha do Centro Cristiano Donato deveu-se ao fato de que entre as várias propostas de inclusão digital da Prefeitura do Recife, a do CEPJCD é a que se autodenomina popular, condição importante para a pesquisa do Núcleo de Estudo das Culturas Populares do Posmex.

A RECEPÇÃO: INTINERÁRIO TEÓRICO- METODOLÓGICO

A pesquisa é um estudo de caso e constitui um recorte de uma pesquisa mais ampla, um estudo de recepção das propostas governamentais e não-governamentais de inclusão digital, pelos jovens de contextos populares. O referencial teórico-metodológico partiu dos Estudos de Recepção na perspectiva da Escola Latino Americana de Comunicação, na abordagem das mediações culturais de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco.

As mediações culturais são um modelo de compreensão da relação entre cultura e meios de comunicação. Martin Barbero nos incita a idéia de passar dos meios para as mediações, o que significa investigar os processos de constituição da cultura massiva a partir das apropriações das culturas populares. A partir da sua concepção de mediação Martin Barbero (1997) consegue deslocar a comunicação do espaço restrito dos meios para o espaço da cultura, evidenciando que as mediações tem uma relação direta, não

com os meios, mas com o processo da comunicação. O que existe, portanto, é uma relação mediatizada pelos contextos em que o processo de comunicação se estabelece.

Guillermo Orozco (1997) operacionalizando as práticas das mediações culturais ressalta que a relação dos receptores com os meios e as mensagens é sempre mediatizada de forma multilateral e multidimensional por dados de sua cultura. Ele apresenta quatro tipos de mediações que podem interferir no processo comunicacional: cognitivas (informações obtidas pelos meios e que recaem no processo de conhecimento), estruturais (são as que dispõem a identidade do sujeito receptor, tais como a classe social, a etnia, idade, sexo), situacionais (ocorrem no momento de ter contato com a mensagem) e institucionais (acontecem nos cenários onde ocorre a recepção).

Tauk Santos, 2000, em seus estudos revela que é o objeto de pesquisa quem sinaliza ao pesquisador quais as mediações, que a autora chama de mediação por excelência, que interferem no processo da comunicação em estudo. A mediação por excelência seria: “aquela ou aquelas cuja interferência afeta de maneira singular o processo de comunicação. Nessa perspectiva, a mediação é considerada como algo construído em cada caso”. (Tauk Santos, 2000; 6)

Sobre culturas populares, Canclini (1995) afirma que elas se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida.

Segundo o autor, a especificidade das culturas populares não deriva apenas do fato que a sua apropriação daquilo que a sociedade possui seja menor e diferente; deriva também do fato de que o povo produz no trabalho e na vida formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das suas relações sociais. As culturas populares são construídas em dois espaços: a) nas práticas profissionais, familiares, comunicacionais e de todo tipo através das quais o sistema capitalista organiza a vida de todos os seus membros; b) nas práticas e formas de pensamento que os setores populares criam para si próprios, mediante as quais concebem e expressam a sua realidade, o seu lugar subordinado na produção, na circulação e no consumo. Os espaços da cultura hegemônica e o da cultura popular são, portanto, interpenetrados.

Tauk Santos, 2005, explica que uma das características fundamentais das culturas populares deriva do fato de viverem, em suas condições concretas de existência, uma situação de contingência, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dão de forma incompleta, desigual, desnivelada.

Essas compreensões teóricas nortearam o estudo de recepção da proposta de inclusão digital do Cristiano Donato pelos alunos das escolas públicas. Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizadas técnicas combinadas de coleta de dados, análise documental, pesquisa bibliográfica, roteiro de entrevistas semi-estruturado e pequeno depoimento oral. O roteiro de entrevista semi-estruturada foi dividido em quatro blocos: o primeiro dizia respeito ao perfil do entrevistado, alunos egressos de cursos de informática básica do CEPJCD, entre 14 e 30 anos, oriundos de escola pública, com escolaridade entre a 5ª série do ensino fundamental e a 3ª série do ensino médio, que tinham concluído pelo menos um módulo do curso de informática básica (editores de texto e imagens, Planilhas eletrônicas e Internet) no Centro Cristiano Donato. O recorte dos egressos a serem pesquisados foi realizado conforme o perfil acima descrito. Neste mesmo bloco também foi perguntado como tomaram conhecimento do Programa.

O segundo bloco trata das questões sobre a motivação para fazer o curso e usos off line e on line eram feitos.

O terceiro bloco, diz respeito ao conhecimento dos egressos sobre o que é intranet, extranet, e sobre a participação em alguma rede e quais seriam.

O quarto e último bloco foi composto de depoimentos gravados sobre as mudanças na vida dos entrevistados após o curso; o que pretendiam fazer ainda no campo da informática; o que entendiam por inclusão digital / inclusão social; e se eles se sentiam incluídos social e digitalmente.

A seleção da amostra obedeceu aos seguintes critérios da pesquisa: ser aluno egresso de cursos de informática básica do CEPJCD, entre 14 e 30 anos; oriundo de escola pública, com escolaridade entre a 5ª série do ensino fundamental e a 3ª série do ensino médio e que tivesse concluído pelo menos um módulo do curso de informática básica.

Das 2.560 vagas oferecidas por ano, 60% são para alunos da rede municipal de ensino, isto é, 1.536 alunos. Desse total apenas 620 se enquadraram nos critérios definidos pela pesquisa, dos quais foram escolhidos 5% para amostragem, correspondendo a trinta e um alunos pesquisados.

INCLUSÃO DIGITAL PARA INCLUSÃO SOCIAL - Proposta do emissor

A proposta do Centro Educacional Profissional Jornalista Cristiano Donato é contribuir na inserção e ampliação do uso da tecnologia de informação para as populações de contexto popular. Os objetivos do CEPJCD são de possibilitar um espaço de formação profissional em informática básica, com suporte de cursos de idiomas e acesso às tecnologias pela população de contexto popular, ampliando as fontes de informação, pesquisa e interação, na perspectiva da inclusão social; disponibilizar à população, em especial, ao trabalhador do centro do Recife e comunidades próximas, a formação em informática básica; oferecer espaços para acesso às tecnologias, em seu cotidiano; garantir suporte tecnológico ao ensino de idiomas; favorecer as articulações com comunidades, ONGs e outras organizações / instituições, possibilitando espaços para o desenvolvimento de projetos voltados ao exercício pleno da cidadania.

Entre os objetivos estão ainda a construção coletiva de ambientes de aprendizagem que favoreçam a análise e a discussão de questões sócio-econômicas, culturais, ambientais e políticas através de: cursos básicos de informática, da biblioteca virtual e projetos telemáticos. O Cristiano Donato oferece, ainda, cursos de idiomas para dar suporte aos cursos de informática. A proposta é contribuir com a preparação de jovens, de trabalhadores e desempregados para as novas exigências do mercado de trabalho.

A população alvo são alunos da rede municipal de ensino, que estejam cursando ou ter cursado no mínimo a 5ª série do ensino fundamental, ter no mínimo 14 anos de idade, além de trabalhadores e desempregados. Só podem participar, desempregados cadastrados na Bolsa de empregos da PCR e comerciantes cadastrados no Clube de Diretores Lojistas – CDL, no Sindicato do Comércio ou na Associação do Pólo da Rua da Imperatriz – com renda inferior a três (03) salários mínimos.

INCLUSÃO DIGITAL PELA CULTURA POPULAR:

Para a população em estudo, jovens de contexto popular, entre 14 e 30 anos de idade, a escola evidencia-se como uma mediação por excelência para a motivação e a forma de se apropriarem das propostas do Centro Cristiano Donato. Isso pode ser observado na fala dos entrevistados:

“A escola falou, indicou e todos os alunos vieram se escrever”. (Joice)

“As professoras sempre falam do que é importante para a gente melhorar na escola e na vida”. (Amanda)

“A escola encaminhou. É bom para a gente se profissionalizar”. (Nina)

A família é uma mediação importante para desenvolver o interesse pela inclusão digital. Pertencendo a famílias que em grande parte as mães são operárias ou empregadas domésticas, preocupadas em não deixar os filhos soltos pela rua e seguindo um comportamento visto na casa das patroas, de ter seus filhos concentrados nos estudos e galgar melhores espaços na sociedade, as famílias abrem mão do dinheiro que poderia vir com o trabalho desses jovens e os incentivam a estudar e procurar cursos paralelos como complemento da educação:

“Foi quando minha mãe, que é empregada doméstica e meu padrasto, disseram para eu deixar de trabalhar e voltar a estudar”. (Cristiano)

“No momento minha prioridade é só estudar”. (Nido)

“Por enquanto, eu vou ver se faço outros cursos, pra aprender mais ainda.” (Ivanildo)

Uma mediação que também está presente é a dos grupos de pertencimento, 54% dos entrevistados falaram da necessidade ter acesso à Internet, para ter o que conversar e se enturmar:

“Antes eu não sabia nada. Hoje se alguém fala ‘num sei quê, num sei quê’ sobre computador, eu sei falar”. (Amanda)

“Eu morria de vergonha. Agora não, quando estão conversando sobre informática eu já posso participar.” (Aureci)

“Agora posso fazer mais amizade”. (Philippe)

As aspirações para o futuro constituem uma mediação importante para a motivação desses jovens participarem do Programa de Inclusão Digital. Na faixa de idade em que se encontram há uma passividade na procura de emprego em detrimento de um esforço objetivando uma “capacitação” para o vestibular ou para reunir habilidades para encontrar um emprego melhor. Apostam numa vida melhor depois de concluir o curso. Dominar o mundo digital, conseguir emprego ou colocar algum negócio com o uso da informática é a meta de 93,6% dos entrevistados:

“O curso de informática amplia as chances de emprego”. (Augusto)

“Não vou parar por aqui, vou fazer o Técnico de informática e trabalhar por conta própria.” (Eliphas)

O trabalho é uma aspiração para o futuro porque é por meio dele que 54,83% dos pesquisados vislumbram adquirir direitos sociais. Entre as motivações para fazer o curso de informática, 35,48% responderam que foram fazer o curso interessados em conseguir emprego; 32,25% buscam a profissionalização. O que era previsível, se

considerarmos que vivendo numa sociedade onde os direitos se baseiam no trabalho assalariado, ter um emprego é vital.

“Sem emprego a gente não tem condição básica de viver. Com emprego você tem saúde, educação, tem os seus direitos.” (Érica)

“Vou ter mais oportunidades de emprego”. (André)

Além disso, 54,83% responderam que estão trabalhando, estagiando ou atuando como monitores por conta do curso que fez ou foi levado a fazê-lo por exigência / oferta do trabalho.

“Faço estágio no TRF 5ª Região e o Tribunal encaminha, quem quer fazer o curso de informática, para o Cristiano Donato.” (Gleice)

“Comecei a estagiar na Escola Municipal Simões Barbosa pelo CIEE. Esse estágio só poderia fazer quem tivesse conhecimento em informática”. (Eliphas)

Apenas 12,9% disserem não ter um motivo específico, mas vários motivos, não destacando nenhum; 9,6% responderam que foram motivados pela chance de melhorar o Currículo; 6,4% citaram o interesse em se atualizarem e apenas 0,3% afirmaram que foram só para aprender a usar a Internet.

A ORDEM É COMUNIC@ÇÃO ON LINE

Dos jovens entrevistados, 64,51% responderam que acessam de duas a três vezes por semana, no próprio Cristiano Donato por terem lá o uso gratuito.

Em relação a forma como tomaram conhecimento do programa, 45,16% souberam pelo colégio onde estudam; 19,35% por meio de convênio com o local de trabalho; 16,12% através de parentes que trabalham no CEPJCD; 12,9% tomaram conhecimento pela Igreja; 9,6% tiveram a informação via Agência de Emprego e 0,3% trabalham no Centro Cristiano Donato.

A maior parte dos entrevistados já realizou o curso básico – Word (93,54%), Excell-planilha eletrônica (77,41%), Computação GráficaPower Point (48,38%) e Internet 90,32%.

Os principais usos off line dos cursos propostos pela Prefeitura declarados são: digitar trabalhos escolares, currículos e no trabalho – usando o Word, 61,29%. O Excell, só 0,3%, usam tanto para trabalho, como para fazer orçamento doméstico, apenas 0,3%:

“Faço planilhas e digito textos no meu estágio. Eu ensino colegas que fizeram cursos particulares e não aprenderam nada”. Eliphas.

“Uso o Excell para fazer planilha de custos da minha casa.”.(Aureci)

“Fazer trabalho do colégio”. (Rodrigo)

Quanto ao uso on line, 100% acessam a Internet gratuitamente, no próprio CEPJCD. Noventa por cento usam para se comunicar com amigos por e-mails.

“Uso e-mail, tanto para amizade, como para trabalho”. (Marcelo)

A Internet substituiu totalmente outras formas de comunicação com amigos e parentes:

“Eu uso para me divertir e para me comunicar com as pessoas, principalmente com a minha família em Maceió. Eu já não pago carta, nem telefone”. (Merciana)

Cem por cento dos entrevistados usam para fazer pesquisas escolares, procurar emprego, enviar currículo em sites de buscas e pesquisa.

“Me ajudou na escola, Luiz Gonzaga mesmo eu peguei na Internet a bibliografia dele toda pronta e só fiz estudar”. (Ivanildo)

“Meu acesso é muito rápido, muito específico. Para manutenção de e-mails, para enviar currículo, para procurar emprego e também para me informar.” (Erica)

A Internet vem substituindo o jornal e as revistas no modo impresso como informativo, 61,29% disseram que acessam sites de notícias com esse objetivo.:

“Eu não posso comprar jornal, então é através da Internet que eu sei o que está acontecendo. Entro em sites de revistas inglesas, leio revistas brasileiras como a Isto É”. (Erica)

“Acesso o jornal da Folha de Pernambuco, eu vejo as notícias mais recentes, mortes, assassinatos... essas coisas”. (Gleice)

O uso para lazer também é significativo, 48,38% dos entrevistados afirmaram utilizar para esse fim.

“Às vezes a gente chega estressado dos problemas de casa, aí chega aqui no trabalho, num intervalo, vai entrar na Internet, se distrai com as notícias, vê as mensagens, começa a conversar com outras pessoas, navega e quando sai do computador já está com outro ar”. (Ana)

“Gosto de sites de teste de revista. Jogos de sete erros”. (Gleice)

Pouco mais de 12% usam no trabalho:

“Uso para trabalhar com música. Eu dou aula, toco em conjunto. Então faço pesquisa sobre quando surgiu determinada música e etc”. (Marcelo)

“Eu uso no lazer, no trabalho e para mim mesma”. (Cristina)

USO DAS REDES

Quando perguntados sobre o uso da rede formal, que são as redes ligadas às instituições, por exemplo: prefeituras, universidades, 100% responderam que não participam. Entretanto, costumam acessar as redes informais com frequência: 48,38% não se recordavam bem dos nomes, mas citaram BOL, Terra, OI como redes informais para obter notícias em geral. O MSN grupos foi citado por 19,35% dos entrevistados, seguido pelo Yahoo, 15,27%. Dezssete por cento dos entrevistados declararam navegar em sites evangélicos de música.

Apenas 19,35% disseram que conseguiram emprego ou estágio com o curso. Há que se considerar que 57% dos entrevistados afirmaram não ter procurado emprego nos últimos dois anos, porque não tem idade suficiente para isso ou estarem no momento se dedicando aos estudos. Entretanto 87,09% afirmaram que, apesar de não estarem trabalhando, adquiriram capacidade para novas oportunidades profissionais e pessoais:

“No momento minha prioridade é só estudar. De qualquer forma acho que posso dizer que abriu sim novas oportunidades.” (Ivanildo)

“Eu já sou monitor. Se eu não tivesse feito o curso como eu ia ser monitor?”.(José)

“Se eu pegar um trabalho de Internet, estou preparado”. (Vinícius)

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Sobre a mudança na vida dos egressos, após a realização do curso básico de informática, 54,83% dos entrevistados falam da vida pessoal e destacam uma nova visão de mundo. Como destaca:

“Antes de conhecer a informática tinha uma visão do mundo, depois que conheci, passei a conhecer as culturas de outras pessoas.” (Vinícius)

Nas salas climatizadas, entre os computadores de última geração, os jovens do CEPJCD depois de cursarem alguns módulos do curso de informática e aprenderem a acessar a Internet ficam fascinados com o volume de novidades e informações a disposição dos internautas. Muitos inclusive dizem que não sabiam a dimensão do que realmente era o mundo, nem tinham noção de si mesmo.

“Antes eu não tinha noção do que era mais ou menos o mundo. E eu fiquei assim tão consciente, tão consciente que tomei um choque mesmo de me ver e me sentir um nada nesse mundo tão grande e com tanta informação assim, foi revolucionário.” (Érica)

Mas se sentem bem ao concluir que o conhecimento adquirido ampliou a visão sobre o mundo:

“Meu olhar do ponto de vista do mundo foi totalmente mudado. Adquiri muitos conhecimentos, com a Internet você acessa o mundo em segundos.” (Eliphas)

Possibilitou contato com pessoas a longa distância:

“Falo com as amigas sem sair de casa. Com a internet é bem mais fácil.” (Ariente)

Ampliou o acesso e facilitou a manipulação da informação:

“ Pesquisa na Internet, em vez de estar limitado ao poucos e velhos livros da biblioteca.” (Eliphas)

Antes eu escrevia uma música em várias folhas, agora eu faço só uma vez (tenho o recurso de apagar e digitar novamente) e imprimo.” (Eliphas)

Dentre os novos hábitos e interesses, os entrevistados demonstraram o de aprender outras línguas, principalmente o inglês. Fato compreensível, visto que, segundo dados do Ministério da Ciência e Tecnologia, apenas cerca de 2% dos conteúdos da Internet mundial são em língua portuguesa, em torno de 5% em língua espanhola, predominando a língua inglesa com mais de 80%.

O lazer foi a segunda mudança mais citada, 48,38% responderam que a Internet proporcionou mais uma opção de lazer:

“Na Internet, se distrai com as notícias, vê as mensagens, começa a conversar com outras pessoas e navega” (Ana)

“Hoje a diversão é diferente: vejo e-mail, jogos, bate papo”. (Rodrigo)

Quando perguntados sobre o significado da exclusão social as respostas são, em geral, imprecisas.

“Exclusão Social é quando a pessoa que não consegue ficar dentro da sociedade, não está preparada”.(Rodrigo).

“Pessoas que vivem na rua, e que os outros passam e nem enxergam como pessoa”. (Vinicius)

Em relação à inclusão social, 25,80% declararam não sabem dizer se estão ou não incluídos socialmente, contra 61,30% que têm certeza que são incluídos, apesar de muitas vezes não saberem o que isso realmente significa, como é o caso de Leia:

“Eu sou uma incluída. Não sei o que é, mas eu sou uma incluída.”

Da mesma forma quando o assunto é inclusão digital, persistem as imprecisões, apesar de participarem de um programa que defende essa bandeira:

“Inclusão Digital é quando a gente pode ter acesso ao computador, a Internet sem pagar”. (Henrique)

“Não sei o que é. Sei que inclusão é incluir alguma coisa. Sou um incluído digital, porque eu mexo com computador”. (Cristiano)

Apesar do desconhecimento deles, uma coisa persiste no imaginário coletivo dos entrevistados: 100% acredita que a inclusão digital faz a inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ainda que de forma incompleta a análise dos dados permite algumas inferências. O estudo evidenciou que o Centro Profissional Jornalista Cristiano Donato – CEPJCD, da Prefeitura do Recife, possui uma proposta de inclusão digital materializada em duas vertentes: uma voltada à inclusão social das camadas menos favorecidas, através da profissionalização e capacitação dos jovens, para a inserção autônoma deles à sociedade informacional; e a outra cuja preocupação é ampliar a cidadania desses jovens, inserindo-os, de forma autônoma, na sociedade da informação.

Observando os egressos do Programa, verificamos que há uma apropriação razoável no que se refere à capacitação para o uso de programas off-line, para a realização de trabalhos e acesso a sites de notícias e buscas. Uma evidência disso é que em função da capacitação que obtiveram no CEPJCD, alguns deles conseguem trabalhar como monitores no próprio Centro ou em outras instituições, além de muitos deles conseguirem buscar informações para melhorar o seu trabalho.

Entretanto, no que se refere à interação em rede on-line observa-se que os usos ficam restritos a correios eletrônicos ou participação em *chats* de bate-papo. Uma evidência disto é o fato de que, quando se referem às mudanças ocorridas em suas vidas após a formação no Centro, destacam sempre as questões pessoais e de lazer, como o acesso a e-mail, às mídias de informação pela Internet, jogos e sites de bate-papo.

A escola, a família e as aspirações para o futuro mostraram-se ser mediações que interferem na forma como os jovens se apropriam das mensagens do Centro. A escola por ser a incentivadora e à quem cabe encaminhá-los para o Programa; a família porque é capaz de abrir mão da contribuição financeira do filho, para que ele obtenha uma

melhor formação; e as aspirações para o futuro que desponta como mediação *por excelência*, por abrigar todas as esperanças e desejos de conquistas como o acesso identitário, a exemplo de outros jovens, à comunidade virtual; ao emprego, que garanta integração à sociedade do trabalho. Aspirações que vão ao encontro da proposta do emissor e coerentes com as teses de teóricos como Manuel Castells e defendidas por instituições, como a Unesco e a FGV, no sentido de que a inserção no mercado de trabalho depende do conhecimento da informática.

A questão da inclusão social, entretanto, vai além das questões identitárias e do trabalho. Além do controle das esferas virtuais é necessário garantir, aos jovens de contextos populares, igualmente o acesso ao controle das esferas reais. O caminho para essa construção passa pela formação de comunidades virtuais de aprendizagem. A participação nessas comunidades virtuais constitui o caminho para aprender a construir uma *cyberdemocracia*, condição contemporânea para que todos possam ser incluídos socialmente.

REFERÊNCIAS:

CANCLINI, Néstor García. *Cultura Transnacional y Culturas Populares*. In: __; RONCAGLIOLO, Rafael (orgs.) *Cultura Transnacional y Culturas Populares*. Lima: IPAL, 1995, p.18 -76.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede. A era da Informação: economia, sociedade e cultura*. v. 1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS-FGV. *Mapa da Exclusão Digital*.
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000/ IBGE

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3ª ed., R.J.: Editora DP&A, 1999.

IVO LESBAUPIN. *Poder Local X Exclusão Social*. Petropolis: Vozes, 2000.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

PIRES, Bruno. *O Analfabetismo Digital*. Acesso em 18.06.2005.
www.internetlegal.com.br/artigos 03.03.2005

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *La investigación em comunicación desde la Perspectiva Cualitativa*. Guadalajara/México: Instituto Mexicano para o Desenvolvimento Comunitário A . C, 1997.

TAUK SANTOS, M. Salett; ROCHA, Marta. *Desvendando o Mapa Noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção*. Revista Novos Olhares, vol. 5, nº5, jan/jun 2002, p.6-9.

TAUK SANTOS, M. Salett; DIAS, Conceição. *Desafios Cooperativos e Estratégias de Comunicação das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares*. V Seminário Internacional da UNIRCOOP, Rio de Janeiro, Out. 2005.

UNESCO. www.unesco.org.br , ONU 2003 Acesso em 19.11.2005.